



GALATO



PORTE
PAGO

Quinzenário * 7 de Agosto de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1002 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Cantinho de DOUTRINA

Escrevo em vésperas de 28 de Julho que foi, em 1929, o dia da ordenação sacerdotal de Pai Américo. Cinquenta e três anos volvidos, eis que o n.º 1000 de O GALATO documentou, mediante a fotografia da primeira página, o novo nome então assumido: Padre — que nunca mais omitiu; e o ponto de exclamação final — a exprimir o seu indelével espanto perante a escolha e chamamento de Deus.

Não é, decerto, a primeira vez que abordo este tema; mas nunca é demais meditar na profundidade da intuição teológica que esta breve assinatura reflecte. Digo intuição porque, em Teologia, Pai Américo não foi um homem de ciência, antes «um padre de meia-tigela», como dizia de si mesmo. E digo-o também, exactamente porque outros de tigela inteira em ciência teológica, pelo menos num certo tempo cuja moda não sei se está passando, publicavam seus nomes de Baptismo e de Família sem qualquer alusão ao estado sacerdotal.

Ora é verdade que três são os Sacramentos que imprimem carácter — justamente os três que fazem os homens participantes, em grau acidentalmente diverso, do essencial Sacerdócio de Cristo, Único e Eterno Sacerdote, Fonte de todo o poder sacerdotal.

Imprimir carácter quer dizer: marcar a natureza do Homem (eis a nova Natureza conferi-

da pelo primeiro Sacramento) com um sinal que, uma vez impresso, jamais será apagado.

O Baptismo torna-nos, pois, participantes do Sacerdócio de Jesus. O Homem é constituído ministro extraordinário do próprio Baptismo e ministro ordinário do Matrimónio.

A confirmação é a tomada de consciência deste poder recebido e o compromisso de uma vida de Discípulo na sequência do Mestre.

A Ordem é a plenitude da participação. Por este Sacramento, um homem pode repetir a Acção Eucarística realizada pelo Senhor na última Ceia; pode perdoar os pecados em nome de Deus; pode ungi-los doentes...

E, para além da esfera sacramental, consagra a sua vida a Deus em favor dos homens em tudo o que diz respeito ao Mistério da Redenção.

Para este homem, Padre é o nome de Ordem, da Ordem sacerdotal em que foi investido, a antepor, justamente (quer dizer: de direito e de dever); ao José, ao António, ao Manuel... que lhe foi dado no Baptismo. Nem por ser genérico este nome, deixa de lhe ser próprio, como afinal acontece com o nome próprio que também não é exclusivo.

Gravado o carácter, é nos recônditos da alma que ele fica para sempre. Não se trata de uma colagem indicativa de



Pânheiros, areia, sol, mar — alegria! É um grupo dos nossos — que dantes não tinham férias... — agora na praia de Azurara.

uma especialização profissional. É um estado, um novo estado que se adquire pelo Sacramento que o imprime, desde o nascimento para a Vida divina (o Baptismo) à militância em Cristo, por Cristo (a Confirmação), até o abandono de tudo por Ele: «Se queres vir após Mim, deixa a casa, deixa a família, deixa os bens, toma a tua cruz todos os dias e segue-Me» (Índice da correspondência fiel à vocação cristã, particularmente adequado nos consagrados pelos Votos ou pelo sacramento da Ordem).

Pai Américo aceitou plena e incondicionalmente este desafio do Senhor: Tudo deixou (por isso tudo encontrou!). Mas, porque a vontade e a fortaleza necessárias a esta renúncia não vêm da carne nem do sangue mas são dom de Deus — eis a surpresa de ter sido ele objecto desta eleição divina, surpresa que também ela o caracterizou e permaneceu assinalada até ao fim por aquele ponto de admiração que integra a sua assinatura de sacerdote, como se vê, de seu punho, na fotografia referida.

Este insignificante sinal gráfico assume aqui o testemunho de uma atitude radical de Humildade que, não só se identifica com a Verdade de que a sua vida foi expressão habitual, como é também a explicação de um sacerdócio tão fecundo, a que bastaram apenas vinte sete anos de realização para deixar de si vestígios tão

Está pronto o 3.º volume do livro «PÃO DOS POBRES»

Afirmámos no último número de O GALATO que, logo após o 2.º, não tardaria a sair o 3.º volume do livro Pão dos Pobres.

Aí está ele à vossa disposição, tinta ainda fresca, de prelo onde foi impresso pela mão dos nossos rapazes — em Paço de Sousa.

Pai Américo diria, à sua moda, que, não fosse mais, bastaria a reedição destas obras serem produto do trabalho gráfico de mãos gaiatas — escola de vida, clivagem de vícios da Rua — para que os nossos Amigos as possuam e façam delas, como tantos!, livros de cabeceira.

Além de ser uma jóia literária, diário da sua intensa vida de Recoveiro dos Pobres nas mansardas coimbrãs, o Pão dos Pobres, de Pai Américo, é um vasto clarão de luz da Luz — marcado para todo o sempre.

Em carta dirigida a uma «Excelentíssima Senhora» lisboeta, na página 21 — justa-

mente motivado pela promoção do livro — o pensamento ou reflexão na epígrafe diz que «parece vaidade, mas não é; é desejo ardente de mostrar aos homens como nascem, como vivem e como morrem os Pobres — nossos irmãos». Do contexto da carta, eis o essencial:

«Eu tenho um livro para colocar nas famílias de Lisboa. Não que eu seja escritor, mas os Pobres escreveram nele a sua vida; pelo que também ele, o livro, é uma peça de arte.

Chama-se Pão dos Pobres e diz no frontispício, um nadinha à direita do nome, em desdobramento do dito: «Do que eu vi em casa deles e de como amparei seus filhos».

Não se cuide, porém, que vamos ter festa de caridade deslumbrante, pelo que vem no cartaz; não. Não vão gozar os sentidos com a leitura do livro, antes vai padecer a alma, por saber quanto no mundo se sofre; e nisto está, precisamen-

Aviso renovado

Temos recebido inúmeros telefonemas protestando contra o inqualificável abuso cometido no centro de Lisboa por grupos de raparigas que pedem a favor da Casa do Galato, com chorudos resultados. Na Rádio e nos Jornais, nos Boletins Paroquiais e nos Púlpitos das Igrejas, etc., já tem sido denunciado tal expediente. A Polícia também não é a primeira vez que é alertada, mas em vão.

Em vista do exposto pedimos aos nossos Amigos que estejam alerta e passem de boca em boca que a Obra do Padre Américo não tem Moças; e que, não recorrendo a peditórios públicos, tudo o que se passa é redonda exploração e atrevida vigarice.

Padre Luiz

Cont. na 4.ª página

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

VISITAS — Tivemos entre nós os antigos rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal, no passado dia 4 de Julho.

Como toda a gente sabe, no dia 1 de Julho fez anos que a nossa Casa foi fundada e, como tal, este dia mereceu ser festejado.

Foi o que se fez: alguns deles reuniram-se, tentando achar as moradas de outros e assim conseguiram que tivesse aparecido muita gente.

Foi um dia de festa; toda a gente esteve alegre, embora tivesse havido uma chuvita da parte da manhã, mas que não estragou absolutamente nada o convívio.

Os «velhos» recordaram velhos tempos que aqui passaram. Cada qual contava, aos mais novos, os seus feitos, as suas artimanhas.

Este ano tivemos um número um pouco mais reduzido de «velhos», da Obra, do que o ano passado; uns porque não puderam vir, estavam fora; outros por causa da chuva. Mas o desejo foi realizado e a alegria foi total.

Houve, também, um jogo de futebol entre casados e solteiros, do qual os jovens saíram vencedores por 5-2.

Almoçámos juntos; gozámos o prazer de um café, em seguida; conversámos; houve música; e lá mais para o meio da tarde, um banho na piscina, seguido da actuação do Rancho Folclórico de Lagameças, que nos fez companhia nesta tarde festiva.

A festa acabou, foi a despedida e os votos de que todos os anos se realize o mesmo convívio.

Américo Pinto

Paço de Sousa

FÉRIAS — O tempo de férias já começou.

Quem é que não gosta de se deliciar com a água do mar, ou com o aroma puro e fresco do campo?

Tempo de férias, tempo de descanso de esforço despendido ao longo de um ano cheio de trabalho, esgotamento e complicações.

O nosso Paço Moura encontra-se em férias. Decerto irá passar duas semanas bem repousantes e divertidas — como todos nós queremos. Na certeza de que dentro de dias estará connosco. Descanse, pois bem precisa para, depois, melhor poder colaborar na orientação da nossa comunidade.

Para todos os que se encontram de férias as nossas melhores saudações.

EXCURSÕES — Esteve de visita à nossa Aldeia, no passado dia 27 de Junho, uma excursão de Melres. Tiveram o gosto de conviver com a nossa comunidade, tanto na parte dedicada a Deus, na santa Missa, como na parte desportiva.

Depois da santa Missa, ligaram-se mais directamente ao nosso Grupo Desportivo; e, todos juntos, almoçaram e conversaram.

De seguida, entre os atletas chegou o momento da separação, que ao entrarem para o rectângulo de jogo o tema é outro — defender as cores da camisola que se enverga. E, assim, foi um jogo muito bem disputado em todos os aspectos. No final obtivemos a vitória por 7-1.

Nestas alturas o resultado tem pouco sentido, pois as pessoas vêm à nossa Aldeia para conviver e inteirarem-se da nossa vida.

PRAIA — Já temos as férias iniciadas, como sempre, por esta altura do ano. O 1.º turno foi ocupado pelos mais pequenos que permaneceram durante 28 dias, em nossa casa de férias de Azurara. De momento surgiu um problema que parecia afectar as férias: o tempo. Valeria a pena, realmente, neste momento, apanhar banhos de sol? Ou, antes, ficar em Casa a apanhar banhos de chuva?

Na verdade, o tempo foi favorável e os pequenos divertiram-se em beleza; chegaram queimados e esfolados. Esperemos que, nos restantes turnos, o tempo seja favorável para colherem o melhor proveito.

16 DE JULHO — Mais um ano se passou a contemplar a morte de Pai Américo, há 26 anos, depois de tanto ter amado e sofrido pelos Rapazes abandonados, muitas vezes desprezados pela sociedade, pois muitas pessoas não chegam a entender que temos o dever de amar o nosso Próximo para se pôr termo a certos problemas que abalam a Humanidade.

Pai Américo foi para junto de Deus, mas deu-nos de presente o que tantos anos de vida lhe custou: as Casas do Gaiato, que revelam bem o seu amor pelos Rapazes abandonados. Na verdade, precisamos de carinho e de amor familiar para podermos ser úteis à sociedade e esquecermos o passado, às vezes muito triste — por culpa dos pais que o não sabem ser... e outros problemas da vida do Mundo.

O dia 16 de Julho foi festejado pela comunidade de Paço de Sousa na maior alegria. Dirigimo-nos a Braga, mais precisamente ao Sameiro, para agradecermos a Deus todo o amor que Pai Américo tem por nós.

Chegámos, lá, cerca das 12,15 h. Depois de um breve passeio, recolhemo-nos para a celebração da santa Missa e agradecemos a Deus todo o amor que Pai Américo nos dedicou, imolando a sua vida por nós.

ESCOLA — Estamos a fazer os preparativos para o novo ano lectivo. E, nesta altura, é a hora indicada para o balanço do ano anterior.

A maioria dos estudantes nocturnos, que frequentam a Escola Secundária de Penafiel, tiveram saldo positivo, apesar de alguns terem ficado mais um ano pelo caminho. Esperamos que a próxima caminhada seja ainda melhor e possam concretizar os seus desejos.

Os resultados da Escola Primária e da Telescola foram bons, mas temos a certeza que poderão melhorar no próximo ano lectivo.

Carlos Alberto

Tojal

CASAMENTO — Foi no dia 27 de Junho que Laura e Jorge se uniram matrimonialmente junto do Altar de Cristo para formarem um só corpo.

Estiveram presentes os srs. Padres e os Rapazes nossos irmãos, de quase todas as Casas. Foi um dia de alegria para a Obra, mas de um modo especial para esta Casa do Gaiato do Tojal.

Muitos dos nossos leitores com certeza conhecem o Jorge. Pois, como deveis saber, durante muito tempo escreveu nesta coluna e foi também um grande animador e responsável das Festas realizadas por esta Casa durante vários anos.

A Laura, não tão conhecida no meio de vós, é filha de um gaiato que ainda hoje se encontra a trabalhar connosco.

Laura e Jorge: O que mais vos desejamos é que sejais autênticos amigos um do outro.

Quando este jornal vos chegar às mãos já a Irene e o Luís Manuel estarão também casados; será a 18 de Julho.

A Irene, é irmã da Laura; o Luís, o mais velho em idade e em permanência cá em Casa, para cima de 20 anos. Mas, caros Amigos, não perdem pela demora porque se está a aproximar o dia 8 de Agosto.

Ana e Adérito também se casam. Ana, professora primária, de Pinhel. Adérito, de Cabo Verde, encontra-se a cumprir serviço militar obrigatório nos paraquedistas; é nosso há 10 anos.

Já há muitos que dizem: — Quem será o próximo?...

AGRICULTURA — Começámos a apanhar da batata e a ceifa da aveia e do feno. Pois já vem sendo hábito a nossa malta não se furtar ao trabalho. Levanta-se mais cedo para assim poder aproveitar a frescura da manhã e o trabalho possa render mais, e não só por isso, mas porque há outras coisas mais a fazer.

Mesmo com o tempo que se tem feito sentir, as coisas não têm sido más.

A batata é boa e em quantidade; para cima da média, até ao momento. Muita aveia e feno, embora falte ceifar uma parte do oval; é que não se pode olhar a tudo.

A colheita da cebola e do alho também foi bastante compensadora. A ervilha e a fava, muitíssimo boas, com relevo para a fava.

PRAIA — Começou a época banear na nossa Casa. Foi no dia 4 de Julho que o Pedro e alguns mais velhos partiram com os mais novos da comunidade para S. Julião da Eriçeira.

Fiquemos à espera que o Pedro nos traga algo para contar. Até lá!...

Luís Covas

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma jovem mãe que, por força dos espinhos, perdeu o encanto natural da juventude! O rosto — que marca alegria e tristeza, saúde e doença — aqui estampa a dolorosa

cruz da vida, quanto custa ao Pobre a justa promoção social.

— *Estamos a construir a nossa casinha no lugar de... V. sabe onde é...*

Apesar dos caminhos difíceis é um local aprazível!

Procuramos logo saber como eles arrancam nesta loucura que deveria ser conhecida por quem tem responsabilidades, exactamente para que, em gabinetes de alcatifa, estes casos não sejam marginalizados.

— Pediram empréstimo?...

— Não!, meu senhor. São cousas muito difíceis... É muita papelada, muitas andanças; e espera-se muito tempo — s'eles derem o dinheiro!...

— Como conseguem, então, levantar a moradia!?

— São pessoas de família q'ajudam. Um dá areia, outro madeira... E todos botam a mão na obra de pedreiro. Depois, é o resto... A casa é feita pelo nosso trabalho!

— Mas é preciso mais... Ela entende!

— *Pede-se aqui um nadinha; acolá, outro. E a gente paga consante pode; consante os ganhos do meu home.*

— Em que posição está a casa?

— *Botámos já a primeira placa e vamos daqui a pouco à do tecto. Demora sempre muito! A gente só pode trabalhar os sábados e os domingos...*

Vamos ceder — para o seu ninho — o valor da telha.

PARTILHA — «Velha Amiga», de Lisboa, cheque de 500\$00. O mesmo de Ana, por vale de correio. «Uma portuense qualquer» junta da «mãgãlhinha relativa ao mês de Maio» — 250\$00. Assinante 19177 também não falha! Mais 250\$00, de Setúbal, para que «a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus continue a operar o que a gente sente que ela faz». Lena, de algures, manda uma carta espumante, cheia de Vida. Aí vai parte dela:

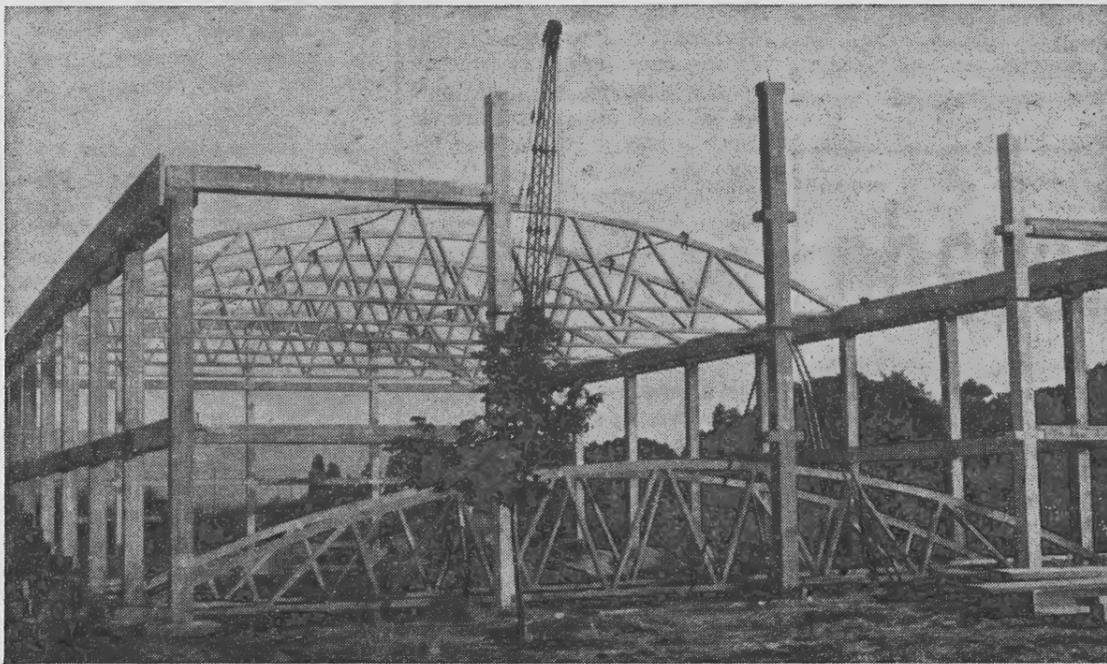
«Gostaria de partilhar convosco um pouco do meu trabalho e da alegria e tristeza que a leitura de O GAIATO sempre me provoca. Tristeza por tudo aquilo que eu e outros não nos atrevemos a fazer; alegria por tudo aquilo que outros e até às vezes eu própria chego a conseguir. (...) São muitas e muitas vezes a certeza de que o Reino de Deus está próximo.

Como ainda não fui capaz de encontrar outra maneira, envio um mês de trabalho — aliás desde que comeci a trabalhar que o desejava fazer — esperando poder vir a repeti-lo e esforçando-me a encontrar outras formas de participação e partilha.»

Para sua alegria, comunicamos que a importância foi direitinha — sem tirar nem pôr — a um Auto-construtor muito afilto, que ergueu hossanas ao Pai do Céu.

Rua Cidade de Évora, Parede, «cheque com uma pequena ajuda para os mais necessitados de casa e remédios. Vai com muito atraso, Deus me perdoe» — sublinha. Delicadeza cristã!

Helena, de Oeiras, presente com



A estrutura do pavilhão gimno-desportivo da Casa do Gaiato de Lisboa, o qual já está nos acabamentos.



AQUI LISBOA!

«Nós não podemos transigir. Fizemos um voto solene de nos dar totalmente e unicamente à criança dos caminhos e não a órfãos ou equiparados.»

A semana que passou foi cheia de solicitações para admissão de Rapazes. Párocos amigos e outras pessoas fizeram chegar até nós os mais variados pedidos, muitos dos quais, se dignos de atenção e de resposta, não se enquadram no tipo de gente por que a Obra existe. Da própria Misericórdia, alguém a braços com problemas sérios, nos colocava a hipótese de recebermos as crianças que por lá aparecem. Não faltou até o aparecimento, nas redondezas, de uma criança de cor, instruída por adultos, para tentar a sua sorte. Na baixa lisboeta deparamos com as situações mais degradantes, que se não fora o nosso sentido de responsabilidade, logo traríamos para Casa. De outros lados, acenando com dinheiro, pretende-se um «lugarzinho» na Casa do Gaiato, «que é só mais um»...

É preciso esclarecer as pessoas que a Casa do Gaiato não é um colégio nem um asilo.

«A Obra da Rua é o amparo da criança abandonada. Ela prefere os mais repelentes. Os mais difíceis. Os mais viciosos. A Obra nasceu com este espírito e assim tem de continuar, para ser através dos tempos uma palavra nova. Que ninguém jamais deturpe. No dia em que, por desgraça, se viesse a receber a criança com dote por uma que o não tem; se viesse a tomar a criança bem comportada por uma que o não é — nesse dia entrava a maldição de Deus no seio da Obra. Era a sua decadência.»

Já temos sido induzidos em erro ou enganados. Ainda há tempos nos pediam por um moço que, no dizer do informador, aliás de boa fé, não tinha pai nem qualquer família, excepção feita à mãe, a morrer num hospital com doença que não perdoa. Dissemos que sim. Logo uma semana depois aparecia um tio, que não se deu a conhecer como tal; passados quinze dias estavam cá os avós, enquanto cartas e telefonemas da mãe choviam a cada instante. Problemas deste tipo multiplicam-se com sérias repercussões no teor de vida da Instituição.

A Casa do Gaiato também não é, em princípio, para as crianças cujos pais, para poderem trabalhar, precisam de ter os filhos em qualquer lado durante o dia. Já temos caído no logro, também com sérias repercussões na vida da Casa. Nós não somos creches ou jardins infantis.

Interrompemos a escrita. Alguém nos bate à porta. É o Diniz, hoje funcionário bancário que, por descargo de consciência, vem até nós procurar obter alojamento para um pequeno misto. Lemos-lhe o que fica para trás. Ele compreende e não insiste. E que grande alegria teríamos em dizer que sim a um antigo filho da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, que bem conhecemos quando pequeno e sempre nos tem cumulado de amizade!

Nesta matéria de admissões de meninos devemos a nossa falecida Mãe a delicadeza de ter mandado sempre ter conosco aqueles que a procuravam, em vista duma «cunha», para ingresso na Casa do Gaiato. Podendo, nunca dissemos a ninguém não — sendo caso nosso. Já aqui referimos, há anos, que, no mesmo dia, postos dois casos, um por uma alta patente da Marinha e outro por uma simples empregada doméstica, à primeira dissemos não e à segunda sim. Não vale a pena incomodar ninguém, que se tivermos lugar e o caso for nosso, não deixará de ser considerado.

Um aspecto grave com que muitas vezes nos deparamos, resulta da oferta indiscriminada de objectos, como rádios,

discos, relógios e outras coisas, que vêm perturbar a vida da Casa. Ora, aqui, há regras e princípios a observar, que não podem ser impostos de fora. As vezes, aqueles que não tinham ninguém, uma vez entrados na Casa do Gaiato, começam a ser visitados pelos que os desprezaram ou abandonaram até então, sujeitando-os a sérias privações. Depois, é um carrear de coisas que os meninos pedem ou as pessoas trazem a seu belo prazer, correndo-se o risco de tornar a Instituição numa forja de «meninos bem» ou de burgueses. Ora, apesar de sermos uma Instituição pobre, não falta, na altura própria e na idade adequada, aquilo que é preciso aos Rapazes, evitando-lhes tentações graves — que são os responsáveis de dentro a sofrer e a combater, com o desgaste correspondente.

Aos nossos Amigos, nomeadamente aos que se afeiçoam por alguns Rapazes, cá dentro de Casa ou na venda, pedimos que nos ajudem. Em relação

aos vendedores do jornal, então, as coisas ultrapassam, em muitos casos, os limites. É preciso que as pessoas tomem a consciência das coisas e não sejam, ao contrário do que desejam, causadores de perturbações. De resto, os vendedores são apenas uma pequena parcela da Comunidade, que apenas a representam. O sentido comunitário e da justiça exigem que todos sejam considerados no mesmo plano, sob pena de discriminações graves. Se as pessoas querem oferecer algo devem fazê-lo sempre em comunhão com os responsáveis, sujeitando-se ao seu critério, pois são eles que, mergulhados no dia-a-dia da vida da Casa, sofrem a rudeza das vagas e se vão consumindo lentamente para que a Obra seja aquilo que é. De resto, educar na suficiência, nesta sociedade de consumo e de abundância, não é nada fácil.

Importa, já agora, referir que, apesar de haver indicações em contrário alguns dos locais da Casa, muitas pessoas, quando aqui nos visitam, dão dinheiro para as mãos das crianças, numa manifesta falta de reflexão sobre o acto praticado, reavivando, não raro, situações que importa desvanecer,

de pedincha e similares, com manifesto prejuízo educacional e criando situações delicadas, que nos trazem muitas canseiras. Bem vindos sejam todos, que somos «a porta aberta», mas deixem filtrar o coração e os sentimentos pela inteligência. Obrigados.

Da acção conjugada dos Obreiros de fora e de dentro dependerá, em grande parte, o êxito da nossa missão. Todos não somos demais, que as questões postas são cada vez maiores e assaz delicadas. Por nós, padres que somos, aguardando com ansiedade quem queira trabalhar e gastar-se nesta vinha, só nos resta ler e meditar Pai Américo: «Os Padres da Rua são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte. Não se molestem e sofram com paciência até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina; eles são servos de Deus.»

Padre Luiz

Do que nós necessitamos

outra migalhinha. Com «um abraço muito amigo» — já retribuído — 4.000\$00 da Covilhã. Assinante 31104 cumpre voto estabelecido, agora com 1.250\$ — prémio da Lotaria. «Excepcionalmente joguei na semana passada e recebi» aquela importância. «Tudo é para quem Deus destina.»

«Uma triste», de Lisboa, presente com vultosa ajuda para os Pobres. Outra, em cheque, também da capital, «para uma Viúva idosa; mas será como, de momento, for mais preciso. É uma lembrança de saudade por minha adorada Mãe. Peço insistentemente o favor do amoninato, mas agradeço uma referência com as iniciais M. L.» Aqui está!

Como ressonância de um nota publicada, nesta secção, em 15 de Maio, 1.000\$00 mais 200\$00 de outra anónima: «É a minha dádiva dos meses de Maio e Junho. Desculpem-se ao escrever dádiva os possa melindrar». Mais delicadeza cristã! A Caridade bem ordenada é assim mesmo!

50 marcos de Meschede (Alemanha Federal): «Se ainda alguma coisa de bom existe no meu coração desfeito é o amor por Deus (que só O GAIATO ainda consegue segurar)».

Mais notícias: «Envio um cheque destinado à Conferência.

Meu Pai, em vida, dedicou-se às Conferências de S. Vicente de Paulo. Trabalhou até aos 80 anos e, depois, na reforma, sentiu o vazio da falta de trabalho e como crente fervoroso preencheu o resto da vida dedicando-se aos Pobres. Que seja pela sua alma, pois é da pensão que me deixou que retiro este dinheiro.»

Por fim, vale postal (3.000\$00) do assinante 9224, de Vila Franca de Xira, «para o doente F., mencionado em O GAIATO n.º 998», nesta secção.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Da Comunidade Católica Portuguesa, de Londres, cheque de 93 libras. 9.000\$ de Coimbra. 1.000\$ de Gondomar. 10 contos de Algés. Dois cheques de 25.000\$ da Av. Fernão de Magalhães. De Oliveira de Azeite, 500\$ da Farmácia Falcão. Emília com 1.000\$. Lençóis da assinante 28074. Roupas de Queluz. Da Comissão de Mordedores da Rua do Pinheiro, 1.000\$. Seis latas de concentrado de tomate da SAIPOL. Cheque de 50 contos, da Foz do Douro. 2.000\$ da Casa Marinheiro. De Braga, 500\$. José António, 2.000\$. De Ovar e por mãos amigas, o pagamento de muitas assinaturas somou 42.030\$. E 1.000\$ de Torres Vedras. Da Sociedade de S. Vicente de Paulo, de Coimbra, 22.000\$. Mais 500\$ de Belazaima. Das crianças da Catequese de S. Cosme, Gondomar, roupas e 7.810\$ e muito amor pelos gaiatos.

Cheque de 20.000\$, «fruto de uma renúncia». 500\$ do Porto. Outro tanto da assinante 24592. Várias importâncias recebidas através do jornal **A Ordem**. 600\$ da Rua Gonçalves Crespo. 5.000\$ do ass. 33047. A mensalidade de 300\$ que, desde há anos, recebemos na Rua 31 de Janeiro. Uma caixa com roupa, da Covilhã. Cheque de 1.500\$, de alguns alunos nocturnos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração. Duma paroquiana de Mafamude e pelas mãos do seu Pároco, 200\$. Rinchoa, 500\$. Por alma de Maria Virgínia de Sousa Pinto, 1.000\$, de Gaia. Mais 10 contos de Domingos Francisco Ramilo, SARL. 500\$

de Gondomar. Sufragando a alma de Fernandes Moura, 250\$. De S. Mamede de Infesta, 50.000\$ e uma máquina de projectar. 200\$ de Oeiras. 100\$ de Montes, «com vergonha de ser tão pouco, mas dado com muito carinho».

Dois mil escudos da Póvoa de Varzim, «fruto de economias ao longo de muitos meses». 1.000\$ de Santo Tirso. 4.000\$ do Restaurante Corça. Por alma de José Branco, 500\$. Mais roupas e 600\$ de Parede. 40.000\$ de Constantino. Anónimo de Freches, 5.500\$. Anónima de Castelo Branco, 500\$ em cumprimento duma promessa. 10.800\$ de Paço de Arcos. 2.000\$ da Trav. da Póvoa. Vinte marcos de Ovar. Do meateiro no busto de Pai Américo no Teatro Sá da Bandeira, 15.350\$. Ass. 8492, 2.500\$. Mais 300\$ de Amarante. 2.000\$ de Orjais — Covilhã. 5 contos de Gaia. Igual quantia de Aveiro. 300\$ de quem pede orações por um Abel que se encontra longe do lar e da Pátria. Ass. 22413 com 5.500\$. Mais 500\$ e a velha amizade dos Funcionários da Caixa Têxtil.

Cheque de 50 contos, pela passagem do primeiro aniversário da morte de Alfredo Rodrigues. 5.000\$ de Alfena. Ass. 844, cheque de 60 contos. Gaia, 10.000\$. Ass. 25825, 5.000\$. Por uma graça concedida, 2.000\$ da Av. D. Carlos I. 1.550\$ de Lisboa, sendo 750\$ duma colecta dos funcionários da Caixa de Previdência do Ministério da Educação. Ass. 29921, 6.000\$. Várias presenças de D. Rosinha. 2.000\$ de Portela da Ajuda. Vale de 70\$, de Queluz.

Ass. de Monte Estoril, presente. 120\$ da Rua Carlos Mardel. Mais 5.000\$ da Póvoa de Varzim. Cheque de 70 contos, de Faro. 650\$ do Porto. Vale de 3.000\$ das Irmãs Conceptionistas da Casa de S. José. 500\$ por alma de Manuel Andrade e Irmã. Em cumprimento duma promessa, 500\$ do Porto e 1.000\$ da capital. 100\$ de Manuela. Mais 500\$, apuro das esmolas da Capelinha do Menino Jesus de Praga, na Verniosa.

E eis aqueles que, ao longo dos anos, aparecem todos os meses: 1.000\$ da R. Carlos Dubini. Outros mil de Portalegre. 2.500\$ de Setúbal. 5.000\$ de Vila Real. Mais 2.000\$ de Leiria. Cheque de 3.000\$, da Av. João XXI. De Fiães, também mensalidades várias. 4.000\$ da Rua do Almada. 5.000\$ da Armandina. Ermesinde, os habituais 1.000\$. Mais 250\$ em selos de correio, da Amadora. Angelina e Raquelina, 1.500\$ mensais. E ainda aqueles que conhecemos pela letra e cujos donativos são entregues no Espelho da Moda ou à porta do Lar do Porto. Tudo recebemos e tudo agradecemos.

De Tabuaço e pelas mãos de senhora amiga, lista de várias ofertas que somaram 25.000\$. De M. H., de Oeiras, migalhinha de 100\$. Três irmãs, 3.000\$. Cheque de 5.000\$, de Santo Tirso. Em acção de graças, 1.000\$ de Queluz e 500\$ de Lisboa. Um pacote de rebuçados e 15.000\$ de Cacia. Um relógio usado, do Porto. Em cumprimento de promessas: 1.200\$ de

Cont. na 4.ª página



AGORA

Mais uma **procição** vai sair simples e com amor. Que ela seja um testemunho vivo do Evangelho para aquelas comunidades cristãs que, à sombra de santos e primeiras Comunhões, derretam milhões de escudos diante dos bezerras de ouro. Numa delas queimaram-se, na festa da 1.ª Comunhão das crianças, cerca de 2.000 contos de fogo!

Curiosa coincidência: dias após, o pároco pediu-nos (ao Património dos Pobres) uma ajuda para uma família pobre cobrir a sua casinha. Pasmemos!

E agora, faz silêncio no teu coração e vem connosco.

«Porque «sempre noivos» continuamos e porque desejamos cumprir o que há tanto tempo prometemos, aqui juntamos um cheque de dez mil escudos para ajudar a chegar à meta a que nos propusemos — casa «sempre noivos». «Vou entregar no Espelho da Moda mil para uma casa com este título: **uma casa por ano**. O Senhor Deus terá em atenção a minha boa vontade.» Tem, com certeza. E sempre, todos os meses, os funcionários da Caixa Têxtil. Segue a **casa Ouve-me Senhor** com mais 1.300\$. Do Manuel, de Braga: «Junto um cheque de 7.000\$. O meu desejo é ajudar a construir uma casinha». Seja, pois. «Creio que fica nos 27.000\$ a minha modesta contribuição para a **casa da paz**, se me é permitido chamar-lhe assim». Chame, é um lindo nome! Vem, agora, uma Etevína com mil para uma telha da Auto-construção. E a M. da Conceição «com uma ajudazinha à casa do irmão que tiver necessidade dela». De Alpedrinha, mil «para o começo duma casa para os que não têm casa». E vem a **casa de N.ª S.ª do Carmo** com 250\$. Vem, também, de Bragança, uma que faz parte da família com 2.000\$ «para a necessidade mais urgente dos telhados dos mais necessitados. Que o Pai Santo aceite com agrado e me não desampare». A Aurora Monteiro com 500\$ «para as casas dos Pobres». Uma anónima, no Espelho da Moda, quinze mil. Outra vez no Espelho da Moda, mil «para uma casa por ano». Iracema, do Porto, com trinta mil: «Fui vicentina largos anos e sempre me afligiram as condições de habitação dos meus Pobres». Mais, no Espelho da Moda, 7.000\$ «para as casas dos antigos gaiatos ou outras». A «mãe que crê em Deus» comunico que o seu velhinho que vivia no vão duma escada já morreu. Continuam lá a mãe viúva e os filhos; ainda não conseguimos arranjar uma casa! O seu donativo vai somando. Já agora, outro recado para a Mãe Fernanda, do Porto: A família com 2 pais, 4 filhos e 4 filhas a viverem numa barraca, ainda lá estão. Só colocámos chapa

a substituir o plástico. E mais uma prestação de 2.000\$ de M. M. D. M. Vem uma leitora de O GAIATO com 5.000\$ e «é um dever que temos para com os nossos irmãos mais necessitados e não uma esmola». «Ao Património dos Pobres prometi metade da importância enviada, mas como a inflação é muito grande, mando o dobro.» De Teixoso: «Vendi dois pedaços de terra e comprei um andar. Como me sobram uns tostões, mando 20.000\$ para o Património». E uma Amiga, do Porto, a cum-

prir um voto do marido: 100.000\$. Mais uma «pecadora» com mil para uma telha. E, a fechar, uma Amiga de Lisboa: «Achei ótima a ideia da compra do terreno para casas dos rapazes que se casam. Nunca consegui ter uma casa. Mando uma achega para eles». Há tantas luzinhas que precisamos de pôr no cimo do monte para que sejam luzeiros no nosso escuro — e alimentem a esperança no coração!

Padre Telmo

Cantinho de Doutrina

Cont. da 1.ª página

profundos que o tempo não dilui.

Querido por Deus para dom sagrado a oferecer aos homens, aceitou ser **matéria** do Seu amor misterioso e universal e foi recebendo a **forma** que Ele lhe quis dar. Por isso se tornou uma responsabilidade para todos a quem foi dado. Por isso não temeu a morte nem acreditou na possibilidade de vazio que a ela sucedesse.

«A minha Obra começa quando eu morrer.» Porque «minha...» é a Obra que Deus fez por mim, comigo — pensava ele («Mas porquê eu?»). Se Deus a quer, Ele a continuará por quem quiser, com quem quiser — Ele, o Único que «pode fazer de uma pedra um filho de Abraão»!

Só uma alma estruturalmente cõscia do seu nada tem dimensão para a graça e é capaz desta certeza firme, desta afirmação arrogada. Só o Humilde!

Eis o peso tremendo da herança de Pai Américo; a nossa sobrehumana responsabilidade.

Padre Carlos

JANELA ABERTA

No panorama de qualquer país, o desemprego é um flagelo que atinge sobremaneira os jovens!

Em nome da Igreja, o Santo Padre — que foi Trabalhador — não se coíbiu de intervir, com palavra oportuna, na recente assembleia da O. I. T., em Genebra, sobre a problemática do Trabalho e dos Trabalhadores.

A taxa de desemprego juvenil (jovens até aos 25 anos) é de 15,7% em nosso País, segundo o nosso representante naquela assembleia. «A desagregação dos dados do desemprego por grupos etários, aponta para uma situação particularmente preocupante» — disse — especificando números, percentagens e as causas do problema: «Para além das de ordem genérica que nos afectaram ultimamente..., ainda derivam da existência de um sistema de Ensino em que a duração média de escolaridade obrigatória é de 6 anos (contra os 9 que atinge em média nos países da Comunidade Europeia) e em que há uma manifesta ausência de Ensino Profissional e de saídas profissionalizantes, nos vários níveis de Ensino».

Poderíamos continuar a citar. Porém, a verdade é que já se deu fé, implicitamente, que a

extinção do Ensino Técnico Profissional — mau grado as suas insuficiências — agravou, extraordinariamente, a situação dos jovens, especialmente dos mais pobres...!

Naquele tempo, sentimos as carências do Ensino Técnico — até nos cursos nocturnos. Todavia, muitos professores que exerciam a sua actividade como um sacerdócio e colaboravam connosco da insatisfação, em consequência da rápida evolução tecnológica do pós-guerra, procuravam, meritóriadamente, ultrapassá-la, chegando a improvisar infra-estruturas indispensáveis à nossa formação! Isto é, marcaram-nos para a vida com a sua conduta.

Um dia — já lá vão trinta anos — num encontro casual com alto responsável, algures em África, expusemos francamente a nossa modesta opinião sobre o assunto. Pai Américo, receoso do ímpeto da juventude, puxa-nos discretamente o casaco e sorri. O nosso interlocutor, de jacto, exclama delicadamente: «Tenha paciência! Deixe falar o rapaz...» Foi um rosário!...

A formação ministrada no Ensino Técnico Profissional não deixava de ser, apesar de tudo, bem acolhida no mercado de trabalho. Hoje, é um regalo ver nos quadros médios

Livro «Pão dos Pobres»

Cont. da 1.ª página

te, o segredo da sua arte.

Na primeira semana do mês de Santiago, como o povo diz, todas as livrarias da capital hão-de vender o Pão dos Pobres à gente rica da cidade; e calha bem, porquanto nunca, na história do mundo, houve tanta gente pobre a procurar pão.

Pode garantir às pessoas a quem inculcar o livro, que cem por cem do que derem por ele é para ajudar os Pobres. E eu, por minha parte, garanto que muitos que nunca em sua vida viram a cor nem conheceram os efeitos da fome, ao lerem as páginas do Livro, hão-de sentir em sua alma novos apetites, prenúncio de nova fome...!

E outrossim me atrevo a garantir que, quando eu for ver as gavotas do Tejo, hei-de ouvir mais uma vez, que entre a multidão dos livros alinhados nas montras dos livreiros, nenhum sobrepuja em arte e em valor o Pão dos Pobres. Assim seja.»

No entanto, e com pena o afirmamos, os livros de Pai Américo, ao longo dos anos, nem sempre mereceram das livrarias — na generalidade, evidentemente — um apetite normal! Não vamos adiantar porque.

Agora, para que o 2.º e 3.º volumes do Pão dos Pobres tenham um impacto mais forte junto dos leitores — até mesmo para facilitar a vida de cada um — é muito provável

que, numa das próximas edições, incluamos um postal RSF (resposta sem franquia) entre as páginas de O GAIATO. Então, sim, virá por aí fora uma **procição** de gente requisitar não só o Pão dos Pobres como outras obras da nossa Editorial. Assim tem acontecido! E doutra forma não o fariam, exactamente porque a vida, hoje, é tão dispersa e muito dura para tantos...!

Aqueles que desejarem facilitar o nosso trabalho, podem já requisitar o Pão dos Pobres — ou quaisquer outras obras dos nossos prelos — num simples postal dos CTT. Temos tudo preparado para servir na volta do correio.

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª página

S. Mamede de Infesta; 1.000\$ de A. R. C. B., do Porto; 3.000\$ da R. do Amial e 1.000\$ de algures. Ass. 27197, 500\$. Lisboa, 4.000\$. Mais 5 contos de Braga. Molelos — Tondela, cheque de 20.000\$. Ass. 11574, presente. 5.000\$ de F. Cunha Barros, SARL. Por alma de Rogério, 1.000\$ de Matosinhos. Rio Tinto, 4.000\$ do assinante 33139. Mais 3.000\$ da Av. Estados Unidos da América. 20 contos dos Carvalhos. As «gotinhas» habituais da Quinta do Areeiro. Anónimos de Espinho com 600\$, agradecendo a Deus as suas «Bodas de Ouro».

Manuel Pinto

vel validade de acções — não pode ser um recurso para as insuficiências. Mas, na generalidade, um complemento para as carências pontuais do mercado de trabalho.

P. S. — Casualmente, escutámos, entretanto, a opinião de uma qualificada professora, sintonizada connosco em todos os aspectos. E mais: abordado pela Imprensa, um responsável pelo MEU anuncia, agora, ser intenção deste departamento «a criação de um Ensino Profissional que, socialmente, não seja visto como inferior relativamente ao Ensino tradicional» — para articular melhor a Escola com o mercado de trabalho.

O grande mal, porém, repetimos, foi a extinção pura e simples de um ramo de Ensino sem contrapartida válida; o qual não precisaria mais do que ser limado e enquadrado na evolução tecnológica...

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Julho: 56.515 exemplares.